CASTILHO, Ataliba Teixeira. Estudos de Língua Falada: uma entrevista com Ataliba Teixeira de Castilho. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL*. Vol. 3, n. 4, março de 2005. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

ESTUDOS DE LÍNGUA FALADA – UMA ENTREVISTA COM ATALIBA TEIXEIRA DE CASTILHO

Ataliba Teixeira de Castilho
Universidade de São Paulo – USP

ReVEL – O senhor foi um dos precursores do estudo da língua falada no Brasil. De onde surgiu a necessidade científica de transformar a fala em um "problema empírico", em uma época em que predominavam os estudos formais da linguagem? E quais foram os pesquisadores e os trabalhos pioneiros no estudo da linguagem falada?

Ataliba - Ali pelos anos 60 a Lingüística estava passando por várias mudanças. Uma delas foi causada pela invenção do gravador portátil. Até então os estudos sobre a língua falada (como o de Spitzer sobre o italiano, o de Beinhauer sobre o espanhol e outros) eram feitos "de orelhada", isto é, com base naquilo de que o pesquisador se lembrava de ter ouvido. O novo dispositivo permitia gravações ao vivo, e as transcrições das fitas foram revelando um mundo até tão desconhecido, embora cotidiano: o modo como as pessoas conversam.

Ao mesmo tempo, a Lingüística brasileira ingressava na era dos projetos coletivos, através da adesão ao "Proyecto para el estudio de la norma linguística culta", elaborado por Juan M. Lope Blanch em 1967. As principais lideranças lingüísticas hispanoamericanas tinham aderido ao projeto. O Brasil, em 1968, graças a um relatório elaborado por Nelson Rossi (Univ. Federal da Bahia). Esse projeto, agora resumidamente denominado Projeto NURC, envolveu equipes de Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Muita gente que

trabalhava isoladamente passou a trabalhar em equipe. Novos temas foram incorporados à investigação científica. A história de tudo isso está contada num texto que escrevi para o vol. IV do livro "O Português Culto Falado em São Paulo", organizado por Dino Preti e Hudinilson Urbano.

ReVEL – Como o senhor vê a importância dos estudos envolvendo a linguagem falada para o ensino de língua materna, especialmente no Brasil?

Ataliba - A língua falada foi descrita no Brasil, tanto pelo Projeto NURC quanto e principalmente pelo Projeto de Gramática do Português Falado (8 volumes publicados pela Editora da Unicamp). No final dos anos 80 surgiram algumas teorizações fundamentadas nos achados. O interesse era basicamente descritivo, sem preocupações educacionais. Mas esta foi, aliás, a típica história de atirar no que se vê e acertar no que não se vê. O ensino foi o alvo dessa bala que se supunha perdida. Pois logo nos demos conta (digo *nós* porque há pelo menos 3 livros publicados sobre o aproveitamento da língua falada nas práticas escolares: o de Luiz Carlos Travaglia, o de Jânia Ramos e o meu) de que a oralidade abria caminhos de muito interesse para uma nação pouco letrada como a nossa. Por meio da língua falada poderíamos chegar à língua escrita, num percurso mais proveitoso, porque fundamentado no que o aluno já sabe para chegar a domínios que ele não conhece. Por outro lado, a universalização do ensino fundamental no Brasil trouxe para a escola alunos de todos os níveis. Aproveitar o conhecimento lingüístico já disponível pelos alunos das camadas socioculturais baixas é uma ótima estratégia para conjurar a evasão escolar. Os alunos deixam a escola pela necessidade de ajudar economicamente a família – e a Bolsa-Escola busca resolver este lado do problema – e também por desinteresse com respeito ao que lá é ensinado. Ora, nossa identidade está em nossa língua. Se a vemos respeitada e aproveitada na escola para o início de nosso percurso, tudo bem. Mas se de cara vão te dizendo que sua linguagem é uma lástima, tchau mesmo! Aqui reside a maior importância da incorporação da língua falada no ensino.

ReVEL – Por que será que, mesmo com muitas pesquisas de qualidade sendo feitas na área do estudo da linguagem falada, a tradição normativa da Gramática Tradicional ainda se preocupa quase que exclusivamente com o ensino e a descrição da norma escrita da língua?

Ataliba - Há duas questões nessa pergunta: língua falada versus língua escrita, língua versus norma escrita.

Os pesquisadores da língua falada jamais disseram que era para descartar a língua escrita. O que disseram era que atingiríamos com mais eficácia a língua escrita se começássemos nossa prática escolar pela reflexão sobre a língua falada. O fato é que a língua falada é mais reveladora que a escrita quanto aos processos constitutivos da linguagem humana. Quando falamos não preparamos um rascunho, verbalizando um script depois de corrigido. Quando falamos, jogamos tudo para o ar, tanto o assunto da conversação quanto os processos de criação lingüística que estão sendo desenvolvidos. Por isso, a reflexão sobre a linguagem é mais rica quando partimos da oralidade. Já a língua escrita é uma transposição da oralidade, com direito a plano prévio, várias versões e muita borracha sobre o que não deu certo. Com isto, os caminhos da criação lingüística são omitidos. Isso é ótimo para os grandes vôos da arte literária e do raciocínio filosófico, e péssimo para quem quer refletir sobre a linguagem – a função maior de quem ensina a quem já fala a língua.

Outra coisa é substituir um belo percurso de descoberta científica em classe pelas falsas convicções da gramática escolar – e aqui entra a Gramática Tradicional, que de tradicional, aliás, não tem nada. Em que tradição assenta a gramática no mundo ocidental? Na Retórica, vale dizer, na Análise do Discurso. O que os gregos e depois os latinos faziam era visar uma execução lingüística eficaz através da exploração do léxico, da organização das palavras e das frases. Essa é a boa tradição esquecida pela gramática escolar atual. A gramática era uma disciplina vivaz, cheia de perguntas e buscas de respostas. Hoje foi reduzida à observação estrita da norma escrita, isto é, a uma variedade apenas

da língua. Assim empobrecida, a gramática se reduziu a um conjunto de cânones, que você deve decorar "para passar no concurso", "para passar no vestibular". Quer dizer, a gramática não tem mais um objetivo próprio, e sobrevive por obra e graça de fazedores de testes cheios de pegadinhas. Que tipo de gente esses testes de concurso e de vestibular vai selecionar? Gente que raciocina e reage, ou gente que decora passivamente, sem entender? Ainda bem que várias universidades quebraram a espinha dorsal da gramatiquice, trocando testes bobos por questões que levam ao raciocínio. Deve-se reconhecer a primazia da Unicamp nesta virada dos vestibulares.

ReVEL – Para descontrair um pouco, conte-nos, como foi trabalhar com gravações de falas na época da ditadura militar?

Ataliba - Durante a ditadura, sair gravando por aí era a pior idéia que um cristão podia ter. Tanto assim que tomamos vários cuidados, explicando aos nossos informantes que coisa estávamos fazendo, para o que serviriam as fitas, etc. Também tocávamos a fita antes de dar o fora, e se a pessoa tivesse alguma preocupação, tudo era desgravado na mesma hora. Que me lembre, ninguém optou pela saída do "delete". Mas houve em São Paulo um treinamento para as chamadas "gravações secretas", aquelas em que, para se obter um registro absolutamente espontâneo, gravaríamos primeiro para explicar depois. Ou seja, os depoentes não seriam previamente informados da atividade. Os gravadores, apesar de portáteis, não eram pequenos como esses de hoje em dia. As gravações eram feitas num rolo – não me entendam mal – e o aparelho pesava pra caramba. Como disfarçar o trambolho? A equipe, então chefiada por Dino Preti, imaginou colocá-lo dentro de uma daquelas maletas, então muito apropriadamente conhecidas como "007". Agasalhos e objetos pessoais prendiam habilmente o gravador junto a um buraco que se tinha praticado na maleta, não fossem o gravador e seu microfone sair do lugar! Decisões tomadas, fez-se um teste, escolhendo como depoente uma pessoa muito amiga de um dos membros da equipe de gravação – afinal, se algo desse errado, viria aquela fase do plano, a fase das explicações. Será que colariam? Pois não é que em meio aos trabalhos o depoente-amigo implica com a maleta? Achou curiosa, andou

rodeando-a, e acabou por pedir que fosse aberta. Desânimo geral! Feita a vontade do freguês, novo susto: o sujeito não percebera nada! Entretanto, bem ponderadas as coisas, optou-se por omitir essa parte do projeto, “dada a falta de equipamento adequado”...

ReVEL – O senhor poderia sugerir alguns livros que tratem do tema “estudos de linguagem falada”, para que estudantes de Letras e Lingüística pudessem se iniciar ou mesmo se aprofundar no assunto?

Ataliba - Bibliografia é mesmo com um professor! Aqui vai. Mas atenção, bibliografia é uma lista de livros que devem ser lidos. Sem leitura não há bibliografia, há “bisbilhografia”.

1. Projeto da Norma Urbana Lingüística Culta (Projeto NURC)

Comparando as atividades desse Projeto com o que acontecia pelo mundo em atividades semelhantes, vê-se que pela primeira vez a Lingüística Brasileira tomou a dianteira, não foi a reboque do que se fazia na Europa ou nos Estados Unidos. Veja-se esta tabela cronológica sobre os estudos de língua falada:

(1) Desde 1967, na América Espanhola, e posteriormente na Espanha, "Proyecto de Estudio de la Norma Urbana Lingüística Culta". Figura central: Juan M. Lope Blanch, do Colégio de México, falecido em 2003. Ver Lope Blanch (1964 / 1967, 1986).
(2) Desde 1969, no Brasil, “Projeto NURC/Brasil”, derivado do anterior, reunindo a USP, a UNICAMP e a UNESP, além das Universidades Federais de Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Publicações do Projeto NURC: Castilho / Preti (Orgs. 1986, 1987), Preti / Urbano (Orgs. 1988, 1990), Castilho (Org. 1989), Castilho (1990), Callou (Org. 1992), Callou / Lopes (Orgs. 1993, 1994), Motta / Rollemberg (Orgs. 1994), Hilgert (Org. 1997), Marques (1996), Preti (Org. 1993, 1997, 1998, 2000), Sá / Cunha / Lima / Oliveira (Orgs. 1996), Zapparoli /

Camlong (2002). Aplicações da oralidade ao ensino: Travaglia (1996), Ramos (1997), Castilho (1998 / 2004).

(3) Desde 1970, em Portugal, “Projeto do Português Fundamental” Principais figuras: João Malaca Casteleiro, Maria Fernanda do Nascimento, Maria Lúcia Garcia Marques e Maria Luísa Segura da Cruz. Ver Nascimento / Marques / Cruz (1987).

(4) Desde 1974, nos Estados Unidos, “Conversational Analysis”, sob a liderança de Sacks, Jefferson e Schegloff. Em 1993, Sandra Thompson fez derivar deste movimento a sua “Interactional Syntax”, com uma vasta produção.

(5) Desde 1979, na França, “Groupe Aixois de Recherches en Syntaxe”. Figura central: Claire Blanche-Benveniste. Publicam a revista *Le Français Parlé*.

(6) Desde 1981, na Itália, Rossana Sornicola – *Sul Parlato*. Seguiu-se o “Lessico Italiano di Frequenza”, coordenado desde 1992 por Tullio de Mauro.

(7) Desde 1983, “Projeto Censo Lingüístico do Rio de Janeiro”. Ver Paiva (Org. 1999), Mollica (Org. 1987), Oliveira e Silva & Scherre (Orgs. 1996), Macedo / Roncaratti / Mollica (Orgs. 1996), Paiva / Duarte (Orgs. 2003), Roncarati / Abraçado (Orgs. 2003).

(8) Desde 1985, “Projeto Variação do Português Sul” (Universidades Federais do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul)..

(9) Desde 1988 “A Linguagem Falada em Fortaleza”. Ver Aragão / Soares (Orgs. 1996).

(10) Desde 1992, “Panorama do Português Oral de Maputo”. Ver Stroud / Gonçalves (Orgs. 1997), Gonçalves (1996, 1997).

(11) Desde 1993, “Projeto Variação Lingüística do Estado da Paraíba”. Ver Hora / Pedrosa (Orgs. 2001, 5 volumes).

2. Projeto de Gramática do Português Falado (desde 1988)

O PGPF reuniu entre 1988 e 2000 cerca de 32 pesquisadores, ligados a 12 universidades brasileiras, distribuídos pelos seguintes GTs: (1) Fonética e

Fonologia, coordenado inicialmente por João Antônio de Moraes, e posteriormente por Maria Bernadete Marques Abaurre; (2) Morfologia Derivacional e Flexional, coordenado por Margarida Basílio e Ângela Cecília de Souza Rodrigues, respectivamente; (3) Sintaxe das Classes de Palavras, coordenado inicialmente por Rodolfo Ilari, e posteriormente por Maria Helena de Moura Neves; (4) Sintaxe das Relações Gramaticais, coordenado inicialmente por Fernando Tarallo, e posteriormente por Mary Aizawa Kato; (5) Organização Textual-Interativa, coordenado por Ingedore Grunfeld Villaça Koch. Como dados para as análises, foram usadas as gravações do Projeto NURC.

Publicações: Castilho (Org. 1990, 1993), Ilari (Org. 1992), Castilho / Basílio (Orgs. 1996), Kato (1996), Koch (Org., 1996), Neves (Org. 1999), Abaurre / Rodrigues (Orgs. 2003).

Consolidação dos ensaios aí publicados: a partir de 2000, começo da preparação da *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. A gramática terá os seguintes volumes, de que se acham concluídos o primeiro e o quinto: *Vol. I - Construção do Texto Falado* (Ingedore Grunfeld Villaça Koch e Clélia Cândida Spinardi Jubran), encaminhado em 2004 para impressão; *Vol. II - Construção da Sentença* (Mary A. Kato); *Vol. III – Classes de Palavra e Processos de Construção* (Maria Helena de Moura Neves); *Vol. IV - Construção Morfológica da Palavra* (Ângela Cecília de Souza Rodrigues e Ieda Maria Alves); *Vol. V - Construção fonológica da palavra* (Maria Bernadete Marques Abaurre).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, Maria Bernadete Marques / RODRIGUES, Ângela Cecília de Souza (Orgs. 2002). *Gramática do Português Falado*, vol. VIII. Campinas: Editora da Unicamp.

ARAGÃO, Maria do Socorro S. de – SOARES, Maria Elias (Orgs. 1996). *A Linguagem Falada em Fortaleza*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará.

CALLOU, Dinah Isensee. (Org. 1992). *A Linguagem Falada Culta na Cidade do Rio de Janeiro*. Materiais para seu estudo. Rio de Janeiro: UFRJ/FJB, vol. I, Elocuções Formais.

CALLOU, Dinah Isensee / LOPES, Célia R. (Orgs. 1993). *A Linguagem Falada Culta na Cidade do Rio de Janeiro*. Materiais para seu estudo. Rio de Janeiro: UFRJ/CAPES, vol. II, Diálogo entre Informante e Documentador.

CALLOU, Dinah Isensee e LOPES, Célia R. (Orgs. 1994). *A Linguagem Falada Culta na Cidade do Rio de Janeiro*.Materiais para seu estudo. Rio de Janeiro: UFRJ/CAPES, vol. III, Diálogos entre dois informantes.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org. 1970). *O Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta no Brasil*. Marília: Conselho Municipal de Cultura.

CASTILHO, Ataliba Teixeira e PRETI, Dino (Orgs. 1986). *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo*. Materiais para seu estudo. São Paulo: TAQ/Fapesp, vol. I, Elocuções Formais.

CASTILHO, Ataliba Teixeira e PRETI, Dino (Orgs. 1987). *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo*. Materiais para seu estudo. São Paulo: TAQ/Fapesp, vol. II, Diálogos entre dois informantes.

CASTILHO, Ataliba Teixeira (Org. 1989). *Português Culto Falado no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de (1990). O Português culto falado no Brasil. História do Projeto NURC/SP. Em: D. Preti e H. Urbano (Orgs. 1990: pp. 141-202).

CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.1989): *Português Culto Falado no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de (1990): O Português culto falado no Brasil. História do Projeto NURC. Em: D. Preti e H. Urbano (Orgs. 1990: 141-202).

CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org. 1990). *Gramática do Português Falado*, vol. I, A Ordem. Campinas: Editora da Unicamp/Fapesp, 2a. ed., 1991, 3a. ed., 1997.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de Org. (1993). *Gramática do Português Falado*, vol. III, As Abordagens. Campinas: Editora da Unicamp/Fapesp.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de e BASÍLIO, Margarida (Orgs. 1996). *Gramática do Português Falado*, vol. IV, Estudos Descritivos. Campinas: Editora da Unicamp/Fapesp.

CASTILHO, A. T. de (1998 / 2004). *A Língua Falada no Ensino do Português*. São Paulo: Contexto; 6ª. ed., 2004.

GONÇALVES, Perpétua (1996). *Português de Moçambique, uma variedade em formação*. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane.

GONÇALVES, Perpétua (1998). *Mudanças do Português em Moçambique*. Maputo: Livraria Universitária / Universidade Eduardo Mondlane.

HILGERT, José Gaston (Org. 1997). *A Linguagem Falada Culta na Cidade de Porto Alegre*. Passo Fundo: Ediupf / Porto Alegre: Ed. Universidade/Ufrgs, vol. I, Diálogos entre informante e documentador.

HORA, Dermeval da / PEDROSA, Juliene Lopes Ribeiro (Orgs. 2001). *Projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba*. João Pessoa: Idéia, 5 vols.

ILARI, Rodolfo (Org. 1992). *Gramática do Português Falado,* vol. II, Níveis de Análise Lingüística. Campinas: Editora da Unicamp.

KATO, Mary A. (Org. 1996): *Gramática do Português Falado*, vol. V. Campinas: Fapesp/Editora da Unicamp.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (Org. 1996). *Gramática do Português Falado,* vol. VI. Campinas: Editora da Unicamp/Fapesp.

LOPE-BLANCH, Juan Manuel (1964/1967). Proyecto de estudio del habla culta de las principales ciudades de Hispanoamérica. Em: *El Simposio de Bloomington*. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1967, págs. 255-266.

LOPE-BLANCH, Juan Manuel (1986). *El Estudio del Español Hablado. Historia de un Proyecto*. México: UNAM.

MACEDO, Alzira / RONCARATI, Cláudia / MOLLICA, Maria Cecília (Orgs. 1996). *Variação e Discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

MARQUES, Maria Helena Duarte (1996). *O Vocabulário da Fala Carioca.*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 1996, Vol. I - Ordem de Freqüência Decrescente*;* Vol. II - Ordem Alfabética, Parte I (A-H); Vol. II - Ordem Alfabética, Parte II (I-Z); Vol. III - Substantivos. Ordem de Freqüência Decrescente; Vol. IV - Verbos, Adjetivos, Unidades em -mente,

Nomes próprios, Marcas e Siglas. Ordem de freqüência decrescente; Vol. V - Substantivos. Ordem alfabética; Vol. VI - Verbos, Adjetivos, Unidades em -mente, Nomes próprios, Marcas e Siglas. Ordem Alfabética; Vol. VII - Instrumentos Gramaticais; Vol. VIII - Introdução: histórico, dados quantitativos e avaliação geral dos resultados.

MOTTA, Jacyra e ROLLEMBERG, Vera (Orgs. 1994). *A Linguagem Falada Culta na Cidade de Salvador*. Materiais para seu estudo. Salvador: Instituto de Letras da UFBa, vol. I, Diálogos entre Informante e Documentador.

NASCIMENTO, Maria Fernanda Bacelar do / MARQUES, Maria Lúcia Garcia – CRUZ, Maria Luísa Segura da (1987). *Português Fundamental*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica / Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa, 2 volumes.

NEVES, Maria Helena de Moura (Org. 1999). *Gramática do Português Falado*, vol. VII. São Paulo / Campinas: Humanitas / Editora da Unicamp.

NEVES, Maria Helena de Moura (2000). *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: Editora Unesp.

PAIVA, Maria da Conceição (Org. 1999). *Amostras do Português Falado no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Pós-Graduação em Letras / Faculdade de Letras / UFRJ / CAPES.

PRETI, Dino e URBANO, Hudinilson (Orgs. 1989). *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo*. Materiais para seu estudo. São Paulo: TAQ/Fapesp, vol. III, Diálogos entre o Informante e o Documentador.

PRETI. Dino e URBANO, Hudinilson (Orgs. 1990). *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo*. São Paulo: TAQ/Fapesp, vol. IV, Estudos.

PRETI, Dino (Org. 1993). *Análise de Textos Orais*. São Paulo: FFLCH/USP; 2a. ed., 1995.

PRETI, Dino (Org. 1997). *O Discurso Oral Culto*. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP.

PRETI, Dino (Org. 1998). *Estudos de Língua Falada.. Variações e confrontos.* São Paulo: Humanitas.

PRETI, Dino (Org. 2000). *Fala e Escrita em Questão*. São Paulo: Humanitas.

RAMOS, J. (1997). *O Espaço da Oralidade na Sala de Aula*. São Paulo: Martins Fontes.

RONCARATI, Cláudia / ABRAÇADO, Jussara (Orgs. 2003). *Português Brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: Letras / Faperj.

SÁ, Maria Piedade Moreira - CUNHA, Dóris de Arruda C. da - LIMA, Ana Maria e OLIVEIRA JR., Miguel (Orgs. 1996). *A Linguagem Falada Culta na Cidade do Recife*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística, vol. I: Diálogos entre informante e documentador.

STROUD, Christopher / GONÇALVES, Perpétua (Orgs. 1997). *Panorama do Português Oral de Maputo*. Maputo: Instituto Nacioanl de Desenvolvimento da Educação, 2 vols.

TRAVAGLIA, L. C. (1996). *Gramática e Interação*. São Paulo: Cortez Editora.

ZAPPAROLI, Zilda Maria / CAMLONG, André (2002). *Do Léxico ao Discurso pela informática*. São Paulo: Edusp / Fapesp.